

LUCIA HELENA – INSTANTÂNEOS**Lúcia Bettencourt**

Minha primeira recordação é a vez que abri a porta de minha casa e lá estava aquele sorriso imenso, encimado por um olhar brilhante de expectativa e alegria. Era em 1988 ou 89, e eu estava morando numa cidade pequenina na costa de Connecticut, nos EUA. Meu querido e eterno professor Jorge Fernandes da Silveira e eu tínhamos nos encontrado, por acaso, em New Haven, CT, já não me lembro em qual evento. Só sei que fiquei contentíssima de saber que ele estava por perto, na Brown University, na cidade de Providence, RI. Passei-lhe o meu telefone e endereço, e convidei-o para vir me visitar. Pouco tempo se passou e o Jorge ligou, para combinar sua visita. Mas, como não dirigia, perguntava se podia vir com uma amiga sua, se eu não me importasse.

Então, a primeira impressão que tive da Lucia foi o seu sorriso, ou melhor, sua risada e sua animação. Onde ela estava a energia circulava num vórtice a seu redor. Lucia Helena estava eufórica, naqueles tempos sem GPS, de ter conseguido vir de Rhode Island até minha casa sem se perder. Satisfeita consigo mesma por ter realizado esta aventura automobilística, gesticulava, animada, contando a viagem, e rindo de si mesma. Emendava, contando casos ocorridos em outras viagens, falando de seus percalços com o idioma inglês, que falava com alguma desenvoltura e muito destemor, confundindo, às vezes algumas palavras, talvez até propositadamente, para nos fazer rir com ela. Partilhava suas impressões dos EUA, seu encantamento com as universidades que já conhecia. Ansiava por ver exposições, aprender novidades. E tudo vinha em torrentes,

entremeadas de risos e de referências a suas leituras e acompanhadas de algumas reflexões sérias e ponderadas sobre o povo e o universo acadêmico. Perspicaz, sempre atenta, acentuava a distância entre a vida comum, provinciana, que nem sempre acompanhava a cosmopolita cartilha acadêmica.

Às refeições, num primeiro momento tentava, como dizia, “se comportar”, mas gulosa, logo capitulava, e provava de tudo. Claro que uma “provinha” apenas nunca poderia ser suficiente para quem tinha um imenso apetite para a vida e a alegria. Deixava-se tentar pelas delícias nada saudáveis daquela época, e brindava à vida com entusiasmo.

Creio que, à época, ainda era fumante, mas ia “fumar lá fora”, prática americana que depois foi abolida, e o *lá fora* reduziu-se apenas a algumas poucas e desconfortáveis *áreas reservadas para fumantes*. Isso talvez lhe tenha ajudado a parar com o hábito do cigarro.

Esse primeiro encontro foi curto, mas muito agradável e marcante. Ela logo seguiu viagem com o “nosso” Jorge de volta a Providence.

Passados muitos anos, já de volta ao Brasil e sofrendo intensamente pela morte de meu marido, ocorrida em 2005, fomos nos reencontrar na UFF, onde fui fazer meu doutorado. Ainda me sentia muito frágil emocionalmente, apesar do apoio de minha família. Algumas coisas boas que me aconteceram foram me ajudando a me reorganizar interiormente: ganhei o prêmio SESC referente ao ano de 2005, mas que me foi conferido em 2006. Uma excelente terapeuta me auxiliou em minha reestruturação emocional, amigos dedicados me ampararam, colocando-me sob suas asas. Uma dessas amigas, Livia Reis, dos tempos de UFRJ, insistiu comigo para que voltasse a estudar. Graças à sua insistência acabei indo fazer o concurso para o programa de doutorado.

Desta vez, meu encontro foi com a “professora Lucia Helena”, a mestra que esperava de seus pupilos um grande envolvimento com os assuntos estudados. E, como a vida é cheia de acasos e coincidências, havia me mudado para o Leblon, meu endereço era bem próximo de onde Lucia Helena morava. Ela já não dirigia, tinha vendido seu carro, e ia para a UFF de táxi, quase sempre um mesmo motorista, embora, algumas vezes, falhasse. Nos dias em que tinha aula, dava-lhe carona, e assim nossa amizade foi-

se cimentando. No trajeto, conversávamos muito. Ela falava de seu pai, que já não estava mais vivo, e de suas preocupações com o irmão e a mãe. Contava também como tinha sido sua trajetória pessoal, desde seus tempos de estudo com D. Dirce Cortes Riedel. Adorava falar de sua dissertação sobre Augusto dos Anjos e não se conformava de que o poeta não fosse um dos meus favoritos. Nossas viagens atravessando a ponte Rio—Niteroi eram uma longa e sempre animada conversa que só acabava porque tínhamos chegado, ou em casa, ou no campus de Gragoatá.

Sua “mãezinha”, como se referia àquela a quem chamava “mamãe”, muitas vezes nos acompanhava em nossas idas à universidade. Ambas moravam no mesmo prédio, cada uma num apartamento, em frente ao Talho Capixaba. Não conheci a casa da sua “mãezinha”, mas Lucia vivia entre livros. Seu apartamento mais parecia uma biblioteca, todas as paredes eram forradas por estantes. Costumava brincar dizendo que ela não possuía os livros, eles é que a possuíam.

Muito festeira, adorava comemorar seu aniversário, mas como tinha pouco espaço, não fazia convites, apenas avisava aos alunos e amigos que, se quisessem aparecer, teria um bolinho à espera. Chegávamos e além do “bolinho” havia muito mais: sanduíches, salgadinhos e docinhos. Além disso, todos levavam alguma coisa, para os brindes. O “bolinho” era sempre imenso, sobrava muito e ela levava para a aula seguinte, juntamente com as garrafas de refrigerante, e os copinhos e todos os apetrechos para continuar a celebração de seu aniversário.

Estava sempre convidando alguns alunos para sua salinha envolta em livros e pequenas recordações. Tal como num museu, ela contava a história por trás de cada retrato, de cada enfeite, e seus olhos brilhavam de prazer e de alegria, revivendo com saudade o passado.

De sua vida pessoal não sei muita coisa. Ela falava muito do pai, um exemplo de fé e de integridade moral, de sua origem modesta e de como tinha sido uma estudante aplicada, que soube aproveitar todas as chances que teve, valorizando todos os mestres que a apoiaram em sua brilhante trajetória. Ela, aguerrida, sempre lutou por aquilo que queria obter.

Amores, sei que teve alguns, intensos e muitos até conturbados. Mas isso não era de se estranhar, vista sua natureza apaixonada e arrebatada. Como dizia o provérbio latino que estudamos em Steiger: “Nulla unda/ tam profunda/ quam vis amoris/ furibunda.” O que significa, no caso: a profundidade das ondas não era páreo para o furor amoroso de Lucia Helena.

Essa mulher intensa, apaixonada, forte e destemida, custa-me a crer que tenha desaparecido. Em verdade, deixou inúmeros amigos, alunos que lhe devem muitos ensinamentos, e livros, muitos deles escritos ou organizados por ela, livros que mostram seu brilhantismo nos detalhes rigorosos de seus estudos e pesquisas.

Embora tivesse admitido, referindo-se ao Brasil de 1991, sentir-se “estrangeira em [sua] própria terra” conforme registrou no prefácio de *A Solidão Tropical: o Brasil de Alencar e da Modernidade* (HELENA, Lucia, 2006), ela reagiu ao estranhamento, estudando a literatura do século XIX para compreender os fenômenos de desativação de nosso patrimônio cultural, que já haviam começado a definir as relações econômicas, sociais e culturais num país que se re-colonizava por um conceito mais elusivo e cruel de *mercado*.

Procurando aprofundar e delimitar esse pensamento, encontra, em John Maxwell Coetzee, textos que dialogam com suas indagações pessoais, que aprofundam a reflexão sobre as novas estratégias de colonização sem fronteiras e sem outra ética que não a do ganho monetário. Em suas leituras e reflexões sobre Literatura, Lucia sempre procurou encontrar *insights* que lhe permitissem compreender a vida em suas transformações, fossem elas interiores, psicológicas, sociopolíticas ou filosóficas. Não é de admirar que, numa etapa subsequente, tenha procurado compreender e explicitar as novas relações estabelecidas no século XXI, relacionando a Literatura, a Ética e o Mercado, que, como um vírus, pode matar de fome aquilo que o alimenta.

O trabalho de construção de uma “nação”, iniciado nos primórdios do século XIX e retratado em romances dessa época, perde sua força quando as nacionalidades entram em conflitos apocalípticos e grupos díspares tentam se unir sob uma ideologia comum. Mas logo a questão ideológica se revela um potencial estopim de novas hecatombes, e o voraz Mercado encontra um nicho sempre ativo: a venda de armamentos, que passa a orientar e estimular as pesquisas tecnológica e médica, e se

apropriada dos meios de comunicação para hipnotizar as massas e estender sobre elas um manto de irrelevâncias que nos mesmeriza e isola em ilhas de fantasia. Cria-se, assim, um tipo estranho de solipsismo em que tudo o que nos importa é a impressão que desejamos causar no “Outro”, sem, verdadeiramente, nos importarmos com ele, apenas com essa projeção de nossa fantasia e a manutenção a todo custo desses avatares que nos representam nas redes.

Para uma pessoa que se identificava como professora – “Eu diria que sou, antes de tudo, uma professora” –, alguém que desejava nos ensinar a libertar-nos das imposições circunstanciais para podermos traçar nosso próprio caminho, creio que ela deu o melhor de si. Sua tentativa era seguir um de seus mestres favoritos, Theodor Adorno, persistindo numa missão quase impossível, que seria não se deixar imbecilizar nem pelo poder dos outros nem pela própria impotência.

Os inúmeros livros que publicou ou organizou, os seminários realizados com muito esforço pessoal e a colaboração entusiasmada de seus alunos são testemunhos de sua dedicação incansável. Lucia Helena vive em seu legado e nas lembranças de seus alunos, colegas e amigos.

Lúcia Bettencourt é Doutora em Espanhol e Português pela Universidade de Yale, New Haven. Formou-se em Português e Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Concorreu com outros 550 inscritos ao Prêmio Sesc de Literatura e venceu com *A secretária de Borges*, seu primeiro livro. Em 2006, conquistou o 1º lugar no I Concurso Osman Lins de Contos com o conto “A cicatriz de Olímpia”. Reconhecida romancista e contista, escreve também livros infantis.